



Estudo compara setor sucroenergético de Brasil e Austrália

No Brasil, o setor sucroalcooleiro tem expandido de forma significativa para novas áreas de produção, que tem na logística um fator decisivo para os investimentos. Já na Austrália, os produtores têm investido no desenvolvimento tecnológico com o propósito de manter altos níveis de desempenho.

A constatação é do estudo desenvolvido pelo engenheiro agrônomo Samuel Ferreira Balieiro, em um programa de intercâmbio entre a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (USP/ESALQ), a Universidade de Queensland e a Associação de produtores de cana-de-açúcar australiana (Canegrowers).

O intercâmbio ocorreu a partir de iniciativa do Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas (PECEGE) e Rex Consulting, com apoio do Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial (ESALQ-LOG).

Em 2010, o pesquisador visitou usinas, produtores de cana-de-açúcar, institutos de pesquisa e fábricas de maquinários no Brasil e na Austrália. “O objetivo principal foi descrever e comparar as características predominantes nos dois sistemas de produção, buscando conhecer melhor a as diferenças nas operações de corte, carregamento de transporte (CCT), no maquinário empregado, nos softwares de controle e também nos custos envolvidos nestas operações logísticas”, conta o agrônomo.

No quesito colheita, apesar da utilização de máquinas similares nos dois países, uma vez que muitos produtores australianos importam máquinas produzidas no Brasil, as condições de utilização configuram-se em aspecto desfavorável aos produtores brasileiros. “Aqui é comum áreas com declividade superior à 15% serem alocadas para a produção de cana, enquanto na Austrália a maioria das terras destinadas para este fim apresentam uma conformação predominantemente plana, permitindo alta eficiência na operação da colheita”, aponta Balieiro. O estudo mostra que a velocidade média de colheita é maior no país da Oceania, resultando em maior produtividade da colhedora. “Os períodos de 12 horas de trabalhos diários das colhedoras nas áreas australianas são suficientes para colher a mesma quantidade do produto que uma máquina que opera em turno de 24 horas no Brasil”, explica o pesquisador. Para os australianos, o desafio inerente à colheita refere-se ao manejo da palhada, uma vez que quase que a totalidade da produção é colhida sem queimada.